



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464825, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464825

Dossiê

Fernando Couto: Relação entre o homem, a cultura e a sociedade

Rui Rocha¹

A importância e a dinâmica de uma pessoa das letras, da cultura são sempre o princípio para a diversidade cultural ajudar-nos a reconhecer e a respeitar as diferentes manifestações que moldam a identidade de um povo. A nossa cultura, as nossas tradições e costumes são os elementos que moldam a nossa identidade e que promovem a diversidade cultural de um povo, de uma sociedade. Quando, em 2001, iniciei o meu caminho neste vasto mundo editorial, ouvi o nome Fernando Couto. Tentei perceber melhor quem era a pessoa e enquadrar a sua importância no mundo do livro, e perceber o que de bom se fazia, pois, estando a trabalhar nesta área, seria importante compreender os contextos e análises que existiam.

Estando numa área diferente da minha, nesta “aventura” de publicar livros, não tivemos uma grande relação, mas percebi que era uma referência para muitos escritores moçambicanos e que, através da construção da identidade e autoestima por meio da educação cultural, alcançava respeito e convívio com culturas várias que possuem diferentes hábitos, tradições, religiões e modos de pensar, descobrindo a importância de cada uma delas para o mundo. Conseguia em várias publicações dos seus autores absorver tudo isto.

Na minha perspectiva, Fernando Couto olhava para a cultura como algo dinâmico na existência humana, partindo do facto de que um país ou indivíduo que não tenha a sua própria cultura, dificilmente,

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

¹ Rui Rocha é editor da Alcance Editores.

conseguiria difundir a mesma. Preservava a singularidade da literatura com valores culturais, olhando de várias vertentes. Primeiro, como agente cultural; depois, como alguém que valorizava a cultura, difundindo a arte da escrita, como espectador, apreciando os diversos trabalhos culturais e, por fim, como aglutinador da própria cultura, permitindo a tal identidade cultural, em níveis diferentes. A necessidade de comunicação estava sempre patente no seu mundo, “gerando” a cultura e o seu consumo artístico em todos os que o rodeavam.

Em 2006, trabalhamos juntos durante um curto período, o que deu para entender o amor e a paixão que tinha pelos livros, pela literatura e por esta área cultural. A sua experiência era vastíssima: jornalista, poeta, editor e tradutor; deixou uma extensa obra escrita e uma herança editorial histórica para Moçambique. Disse-me uma vez que a responsabilidade social está centrada em formar um cidadão com competência para desenvolver as suas actividades e era o principal valor para a confiança dos escritores *vs* editores. Achei muito interessante esta abordagem, e claramente mostrou a importância que dava aos livros e à literatura. Foi um dos primeiros impulsionadores para que os escritores moçambicanos começassem a publicar fora de Moçambique e a serem conhecidos, mostrando a qualidade do que se escreve neste nosso belo Moçambique.

No ano em que comemoraria 100 anos, é justíssimo que se façam todas as homenagens a esta personalidade cultural de Moçambique, sabendo que muito do que se fez no campo da literatura se deve ao seu comprometimento e seriedade neste tão difícil ramo da cultura que Fernando Couto abraçou.

Costuma-se dizer que existe uma relação entre o homem, a cultura e a sociedade. Deste modo, não existe homem sem cultura e cultura sem homem. Fernando Couto praticava cultura diariamente e ao longo do tempo. E a própria cultura reproduzia o homem Fernando Couto, através do processo de socialização e educação.

Maputo, 17 de abril de 2024.